

MORRE TANCREDO, NÃO A ESPERANÇA

O ADEUS DOS PAULISTAS

O último adeus ao presidente eleito Tancredo Neves levou muita gente ao percurso por onde passou o cortejo de São Paulo, desde o Instituto do Coração até o aeroporto de Congonhas. E à passagem do carro com o ataúde, a recepção emocionada das pessoas, com aplausos, faixas, cartazes e lágrimas. E em muitas ocasiões, não faltou o coral espontâneo de um povo anônimo que reverenciava seu último herói com o canto do Hino Nacional.

A urna funerária deixou o Instituto do Coração com o testemunho de dezenas de pessoas que enfrentavam o frio logo nas primeiras horas da manhã. O cortejo fúnebre começou, entretanto, já com sol forte. E partiu para o aeroporto sob o som de vários cânticos improvisados pelas pessoas que procuravam demonstrar carinho ao "homem que representava o último fio de esperança do País". "Quem parte, leva/saudade de alguém/que fica chorando de dor"... — era uma das músicas entoadas por um coro popular.

No começo do trajeto — descida da avenida Rebouças —, o cortejo cruzava com muita gente rezando, cantando baixo algumas canções mineiras e chorando. Várias pessoas acenavam, quase sem força, lenços brancos ou pequenas bandeiras verde-amarelas; outras apenas davam adeus.

Na passagem do cortejo, as pessoas procuravam disputar espaços. E, das sacadas e janelas dos prédios, apareciam faixas lembrando Tancredo Neves: "Diretas já". O policiamento rigoroso cuidava de impedir invasão da pista por onde passaria o carro-fúnebre. Havia gente idosa, jovens e crianças: "Esse homem conseguiu a união de todo mundo" — era voz corrente no meio da multidão.

"Que perda irreparável — observou a copeira Antônia Betam. Tancredo era um homem honesto, sim, mas principalmente vivido e experiente, que aprendeu muito e não cometera certos erros." Antônia estava entre os que choravam na avenida Rebouças.

Cada vez que o cortejo se aproximava de um aglomerado, eram comuns as cenas de consternação, com adeus tímido, rezas baixas e lágrimas múdas. Gestos e sensações que davam impulso à única manifestação que as pessoas encontravam: aplausos. Aplausos que começavam sem força e terminavam firmes, com a convicção que parecia tomar a todos: "Só as palavras que ele deixou..." — argumentou a doméstica Maria Perez, que chorava solitária. "Acho que somos todos iguais, embora muita gente não pense assim" — queixou-se e acrescentou: "Ele poderia fazer alguma coisa por nós. Vou recordar dele para o resto da vida. Porque, para mim, ele vem depois de Deus".

Os policiais começaram a trabalhar para conter a multidão que queria ver pela última vez o presidente eleito. Por isso, muitos se queixavam do policiamento preventivo: "Sai da frente!" — reclamou Leonor Ferreira, 47 anos, com uma filha de quatro anos no colo. "Queremos ver pelo menos o carro que está levando o presidente Tancredo. É um direito nosso, não é?" Leonor, como muitos, estava no cruzamento das avenidas Rebouças e Brasil, e ganhou a solidariedade de outras pessoas que também pediam espaço para ver de perto o cortejo.

Nas bancas de jornais da região por onde passava o cortejo, os jornaleiros afirmavam que as edições se haviam esgotado rapidamente. Era verdade. E muitas pessoas abriram páginas de jornais, mostrando a foto de Tancredo Neves, na passagem do carro-fúnebre. Algumas ostentavam a página, outras a beijavam.

Os sinos da paróquia Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos não parou de repicar. E o som do badalar deixava as pessoas mais emocionadas e sempre dispostas a arriscar qualquer declaração, como Maria da Silva Teodoro, 54 anos: "Na verdade, acho que Tancredo, nos últimos 30 dias, não deixou de governar o País. Ele fez muito mais do que isso: conseguiu a união da gente. Tenho fé que a sua obra não terminou com sua morte".

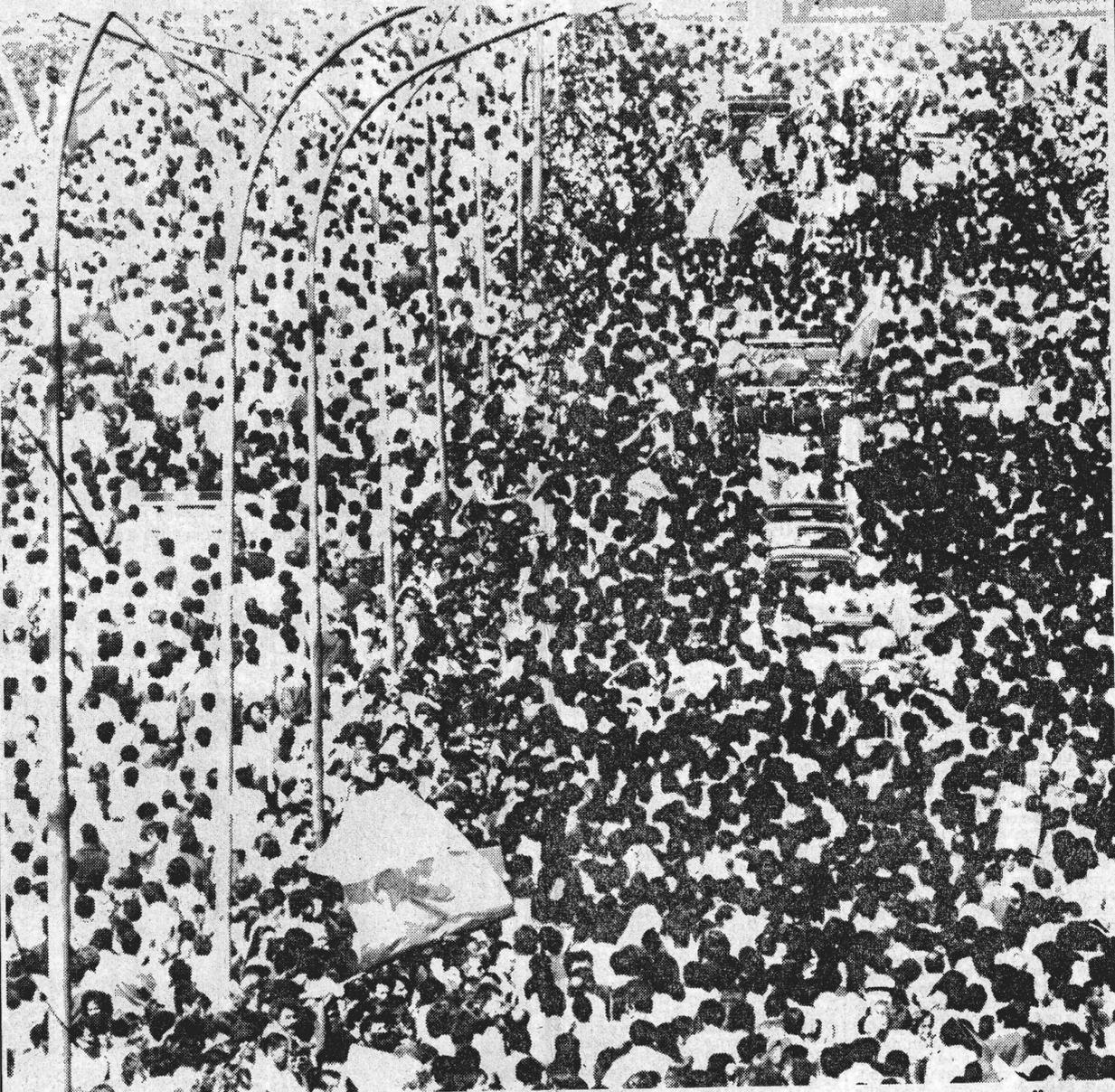
"Famílias, Grupos..."

Era comum a chegada de pessoas em grupos, sozinhas ou mesmo de famílias. O professor João Ferreira Neto, por exemplo, chegou ao cruzamento das avenidas Rebouças e Brasil com sua mulher e dois filhos. E justificou: "Trouxe minha família porque esse é um momento histórico para o Brasil".

Era histórico para o professor e para quem viu os primeiros batidores entrarem na avenida Brasil. Então, houve praticamente invasão da pista. E, diante da emoção estampada no rosto de todos, que cantavam o Hino Nacional, acenavam lenços brancos e choravam, o tenente Celso comentou: "Que vamos fazer? Não há como conter a multidão que quer homenagear Tancredo Neves". Milhares de pessoas logo engrossaram a passeata que se formou atrás do carro de bombeiros, viaturas oficiais e veículos de emissoras de rádio, TV e jornais.

No trajeto, a cada passarela avistada com faixas, como a que dizia "O povo decidiu: democracia no Brasil — Tancredo está presente", as pessoas, mãos dadas, cantavam o Hino Nacional, precedido de frases, como "O povo, unido, jamais será vencido!"

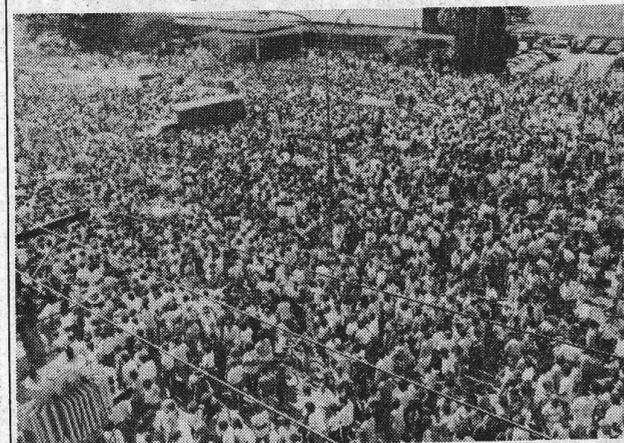
A coincidência da data da morte do presidente eleito com a de Tiradentes, "o mártir da Independência", não foi esquecida por muitas pessoas: "Daqui a pouco, nossos filhos vão aprender que no 21 de abril o Brasil teve mais um herói" — frisou o auxiliar-administrativo Nilson Dionísio dos Santos, 26 anos. E o engenheiro Joel da Costa Souza, 35 anos, emendou: "Tancredo Neves foi um homem que simbolizou a esperança de todo um povo. Sua bandeira será levada por todos nós".



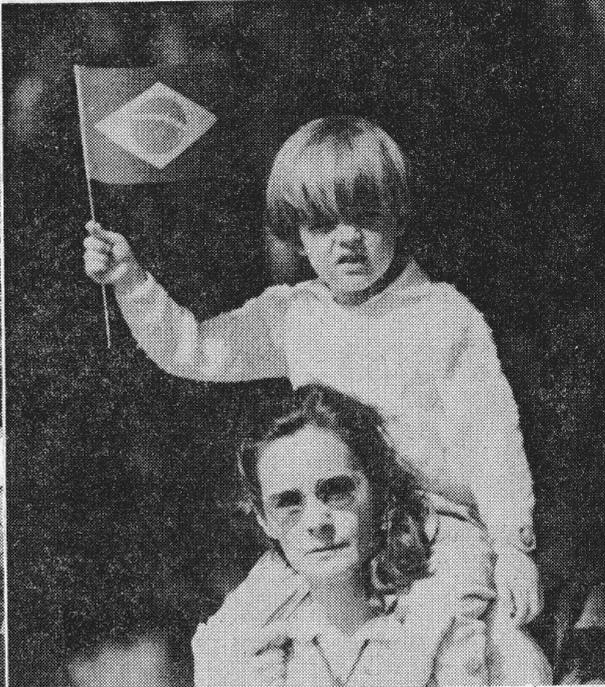
"Quero falar de uma coisa, Adivinha onde ela anda? Deve estar dentro do peito..."



... "Já podaram seus momentos, desviaram seu destino, seu sorriso de menino..."



... quantas vezes se escondeu"



... "Mas renova-se a esperança Nova aurora a cada dia..."



... "Há que se cuidar da vida

Há que se cuidar do mundo

Tomar conta da amizade...

"Alegria e muito sonho..."

... coração, juventude e fé"

Eram muitas as pessoas que faziam declarações. A estudante Graziela, 17 anos, que não quis dar seu sobrenome, observou que José Sarney, o presidente em exercício, esteve ausente na votação da emenda Dante Oliveira, que pedia eleições diretas: "Ele deve exercer o cargo nos próximos quatro anos, mas a gente não se deve enganar. Espero que ele não esqueça dos compromissos assumidos por Tancredo". Já para a empregada doméstica Luiza Correia de Andrade, 32 anos, "quem ficar, acho, vai levar a bandeira dele".

Os pontos de vista variavam de pessoa para pessoa, por isso o pedreiro Luís Otávio Borges, 37 anos, arriscou uma observação: "Vai ter gente para cuidar do País. O Ulisses (Guimarães) vai ficar em cima, vai acompanhar o trabalho. Ele teve a idéia de pôr o Tancredo presidente. E muita gente torceu para dar certo. O Tancredo teve o apoio da pobreza. Vice nunca é como presidente. Então eu acho que o Ulisses tem de dar cobertura".

Opinião infantil

As opiniões não se limitaram apenas aos jovens e adultos. Criança também opinava. Pelo menos o menino Daniel, nove anos, acompanhado de sua mãe e de um irmão mais novo, ressaltou: "É triste a morte do Tancredo, porque era o único homem que podia fazer coisas pela gente".

E um guarda de trânsito, emocionado, perguntou baixo a um colega: "Será que a gente vai conseguir? Será que vamos mudar o Brasil?" A pergunta surgiu em meio ao coro "ei, ei, ei, Tancredo é nosso rei!".

Nas esquinas da avenida Brasil com rua Colômbia, apareceu o inevitável tipo folclórico. Era um homem vestido todo de verde, enfeitado com galhos de árvore, caixas com plantas de milho e de feijão penduradas de todo lado e dois dísticos feitos a mão: "Abaixo a fome" e "Viva a democracia".

E o cortejo passou, já mais acelerado (em vez dos 10 Km/h, agora 40 Km/h), com a multidão atrás, correndo ao lado de muitos ciclistas e motoqueiros que engrossaram a verdadeira passeata rumo ao aeroporto de Congonhas.

Não faltavam bandeiras acenando em todo o percurso. Muitas pessoas atiravam flores ao caixão. Pétalas que caíam na pista e pareciam reflorescer nos aplausos incontinentes de cada multidão e nos coros de "Tancredo!" ou "Democracia!".

O carro com os parentes mais próximos de Tancredo Neves seguiu acompanhando o cortejo. E por onde passava, dona Risoleta, viúva do presidente eleito, acenava para as pessoas, mostrando firmeza e até sorrindo discretamente, num gesto simpático de agradecimento ao povo que — ela parecia demonstrar isso — sofria e tinha esperança de dias melhores com o novo governo de seu marido.

Havia também blocos organizados com filiação partidária. Os que mais se destacaram em todo o trajeto foram os grupos do PMDB e do PC do B. Mostravam faixas e em algumas delas se podia ler: "Não vamos dispersar" (frase copiada de Tancredo Neves); "Viva a unidade do povo"; "Tancredo está presente"; "A luta continua"; e "Ou ficar a Pátria livre ou morrer pelo Brasil". Era frases que mexiam com a sensibilidade até dos mais fortes, como a de um PM, quase dois metros de altura, que se debruçou num poste e chorou escondido.

Na esquina das avenidas Brasil com 9 de Julho, um grupo dialogava a situação que testemunhava. Um homem lamentava: "Não governou nem um dia..." Seu amigo dizia: "Tem coisa escondida nisso. E como tem!" "Pois é — concordava o outro —, como é que o homem fica doente de repente e, com tanto médico e hospital, acaba morrendo de tanta doença diferente ao mesmo tempo?". Pergunta que o amigo não soube responder: "Só ele vivo para contar a verdade".

Em frente ao monumento do Soldado Constitucionalista, no parque Ibirapuera, o chileno Antonio Salazar olhava desolado para o carro-fúnebre e comentava que tinha esperança de ver a democracia ser mantida: "Não só aqui no Brasil e no Uruguai, mas também no Chile. É um sistema importante para toda a América Latina". A seu lado, o paraplégico Elias Vieira, que não se conteve com o cortejo e chorou, afirmou: "A gente sempre acreditou nas palavras do homem. Sei que Tancredo iria abrir as portas aos esquecidos. Ele falava pelo coração".

No obelisco do Ibirapuera, a menina Rosângela Silveira, cinco anos, observou com detalhe que a bandeira nacional estava a meio-pau, e indagou: "Mãe, por que a bandeira está pela metade?". Sua mãe respondeu: "Porque está triste. Triste...". "Mãe — insistiu a menina —, e quando está no alto?" A mãe respondeu: "Quando está contente. Contente..."

PAULO ABREU
IMÓVEIS e PARTICIPAÇÕES